

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

O HOMEM ENQUANTO MERCADORIA. NOTAS SOBRE O
FILME "QUANTO VALE OU É POR QUILO?" (SÉRGIO
BIANCHI, 2005).

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de História
da Universidade Federal de Uberlândia, como
exigência parcial para obtenção do título de
Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a
Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Uberlândia, Junho de 2011.

EDUARDO SANTANA FARIA

O HOMEM ENQUANTO MERCADORIA. NOTAS SOBRE O
FILME "QUANTO VALE OU É POR QUILO?" (SÉRGIO
BIANCHI, 2005).

BANCA EXAMINADORA

Profª Dr.ª Regina Ilka Vieira Vasconcelos – Orientadora

Profª Drª Marta Emília Jacinto Barbosa

Profª Msª Eliane Alves Leal

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer à Prof^a. Dr.^a Regina Ilka Vieira Vasconcelos por toda paciência, dedicação e orientação na composição desta monografia, uma pessoa singular que esteve sempre ao meu lado me motivando à seguir em frente, mesmo enfrentando todas as dificuldades que nos vão surgindo durante essa jornada. Apenas obrigado seria pouco, diante da importância que teve em meu crescimento pessoal e profissional enquanto historiador.

Agradeço também as professoras Eliane Alves Leal e Marta Emísia Jacinto Barbosa, por terem aceito participar da banca de defesa, e já sendo grato pelas contribuições que acrescentarão à este trabalho, vindo a ser incorporadas ao mesmo. E à todos os professores que fizeram parte dessa caminhada durante esses cinco anos de UFU, com seu conhecimento e dedicação.

Não poderia deixar de citar os amigos e colegas de curso, pelas “histórias” que fizemos, pelo companheirismo e por todos os momentos que passamos juntos, Michelle, Willian, Jonatan, Vinicio, Luciano Jesus, Markin, Carol, as Alines, Frank, Cidão, Tonhão e Celi, João e Ju, Vanderlei... , por fazer desses anos, inesquecíveis e que estarão sempre comigo no coração e na memória.

Aos amigos de longa data, da minha terra natal Tupaciguara: as “do clube da luluzinha”: Liliks, Angela, Raquel, Eva Paula, Maria Emília; aos Emilianos Freitas e Moura, Eduardo Lau e Elizabeth, Oscar, Fábio, Tetê, Maria Clara, Lidiane, Ana Fábria, Bruno, Bordin... por estarem sempre ao meu lado, sempre, e também neste momento tão importante.

Um obrigado especial, ao João Batista, pela amizade e pelo profissionalismo, além de estar sempre disposto a nos ajudar, e aos amigos Liliks, Eberton e Rodrigo, por estarem sempre ao meu lado, acreditando em mim, e se disponibilizando em ouvir, ler, criticar, “puxar minha orelha” e sempre me motivando a vencer mais esta etapa, que com ajuda deles concluirei.

Enfim agradeço à Deus, por me guiar e me dar forças pra sempre continuar meu caminho, e buscar por todos meus sonhos. Meus familiares, avós, tios, primos, e principalmente minha mãe Dorinha e minha irmã Fernanda, por todo amor, carinho e compreensão; como também meu pai Luiz e minha irmã Cristina, que mesmo não estando presentes fisicamente, estarão sempre nas minhas lembranças e no coração, e fazem parte desta etapa concluída.

Resumo: O presente estudo pretende apresentar uma discussão sobre a exploração social do homem, coisificado como mercadoria, a partir de *Quanto Vale ou é Por Quilo?* um filme produzido em 2004 e lançado em 2005 pelo diretor paranaense Sérgio Luís Bianchi e que com um humor refinado e um representativo elenco do cinema nacional, traça o perfil de um país em crise de valores e que preenche a ausência do Estado com uma “solidariedade de fachada”, apresentando paralelamente o passado e o presente ao mostrar como a exploração do negro no passado reflete-se na exploração do pobre da atualidade, tendo como foco central a ganância dos ricos, mesmo de forma velada, que acaba por fazer com que se passe por cima de valores morais, tal qual os senhores feudais do passado, chegando até as organizações do Terceiro Setor, as quais muitas vezes poderiam mudar a vida de pessoas necessitadas e vêm mostrar o seu lado podre ao desviar verbas, tirando assim dos que nada tem e aumentando o poder dos ricos que tornam-se cada vez mais ricos.

Palavras chaves: mercadoria, exploração social, solidariedade

Summary: The present study aims to present a discussion of social exploration of man, objectified as a commodity, from *Quanto Vale ou é por Quilo?* a film produced in 2004 and launched in 2005 by director paranaense Sérgio Luís Bianchi with humor and a refined and cast a representative of the national cinema, traces the profile of a country in crisis of values and that meets the absence of the state with a "solidarity front," presenting alongside past and present, showing how the exploitation of black in the past is reflected in the exploitation of the poor today, having as its central focus the greed of the rich, even covertly, which ultimately make you go over moral values, like the feudal lords of the past, down to Third Sector organizations, which often could change the lives of needy people and see your show next to the rotting away funds, thereby taking it from nothing and increasing the power of the rich becoming richer and richer

Keywords: commodity, social exploitation, solidarity

Sumário

Introdução	06
Capítulo I – Que filme é?.....	08
1.1 – Quanto Vale ou é Por Quilo?	08
1.2 – Ficha técnica do filme	08
1.3 – Como o filme foi feito	09
1.3.1 – Roteiro, conjunto e questões atuais	09
1.3.2 – Narrativa	13
1.4 – Que questões elabora para a história	19
Capítulo II – Sobre o diretor	21
2.1 – Quem é Sérgio Bianchi?	21
2.2 – Obras/filmes	24
2.3 – Temas(questões que levanta)	26
2.4 – Com quem estabelece um diálogo (referências/debate)	28
2.5 – Crítica	29
2.6 – Recepção do filme.....	31
Considerações Finais.....	34
Referências.....	36

Introdução

O presente estudo pretende apresentar uma discussão sobre a exploração social do homem, coisificado como mercadoria, a partir de *Quanto Vale ou é Por Quilo?* um filme produzido em 2004 e lançado em 2005 pelo diretor paranaense Sérgio Luís Bianchi.

O filme é uma adaptação do conto “Pai contra mãe” de Machado de Assis, o qual foi publicado no volume “Relíquias de Casa Velha” de 1906, através de uma narrativa em terceira pessoa ocorrida no Rio de Janeiro, no Período Imperial, onde Machado de Assis revela as mazelas e contradições de um país em crise de valores mostrando a miséria humana, através do drama de um pai contra uma mãe, ao lutarem por duas vidas, onde um indivíduo pode abrandar sua consciência, mesmo cometendo o maior dos crimes, sendo capaz de justificar a troca de uma vida por outra.

Baseando-se neste conto o filme procura estabelecer uma analogia entre o comércio antigo de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, os quais acabam por formar a chamada “solidariedade de fachada”, apresentando-nos aspectos de duas épocas distintas, mas semelhantes em sua dinâmica socioeconômica.

No filme percebemos duas temporalidades diferentes, sendo uma que aborda a captura de uma escava grávida e fugitiva, por um capitão – do – mato, e que acaba perdendo o filho, em um aborto, após ser entregue ao seu dono, enquanto paralelamente o filme retrata nos dias atuais a história de Arminda funcionária de uma ONG que desenvolve um projeto de Informática na Periferia, sendo que ao descobrir o superfaturamento dos computadores, Arminda precisa ser eliminada por Candinho, um desempregado que se torna matador de aluguel para conseguir dinheiro e assim poder sustentar sua esposa grávida.

Podemos dizer que o filme é verdadeiramente um “soco no estômago”, é um trabalho perturbador que permite e remete às reflexões sobre as desigualdades, direitos e ao capitalismo da atualidade.

Assim sendo o filme mostra as semelhanças entre a escravidão como comércio e a exploração da miséria pelo marketing social, visto que a exploração por muitas empresas do chamado Terceiro Setor que buscam apenas passar uma imagem de estarem preocupadas em ajudar quem necessita, acaba por fazer com que as organizações não-governamentais passem a ser vistas apenas como aproveitadoras da miséria social.

Neste sentido o filme coloca as ONG's como alvo da mídia:

“Mas exatamente por este dinheiro, que muitas vezes vem de fora, é que muita coisa acaba desvirtuada. Só um exemplo: no centro, uma famosa ONG que cuida de crianças de rua foi flagrada, dia desses, ensinando golpes baixos para a garotada se livrar da polícia, quando esta quer levá-los para hospitais ou abrigos. Sem as crianças na rua, a ONG pára de receber verbas... Nos anos 90, ONG queria dizer esperança. Precisamos tomar cuidado para que não vire um palavrão.”¹

¹ In: Nuances do bem. O Estado de São Paulo. São Paulo, 19/05/2005, pág. D4. Matéria sobre a pré-estreia do filme (sem referência a autoria)

CAPÍTULO I

QUE FILME É?

1. Sobre o Filme

1.1. Quanto Vale ou é Por Quilo?

Quanto Vale ou é Por Quilo? é uma adaptação livre do conto “*Pai Contra Mãe*”, de Machado de Assis. Nele é traçado um paralelo entre duas épocas distintas (o período da escravidão e a sociedade contemporânea brasileira), buscando mostrar que ambas mantêm uma dinâmica socioeconômica embalada pela corrupção, pela violência e pelas diferenças sociais.

Assim sendo o filme, com um humor refinado e um representativo elenco do cinema nacional, traça o perfil de um país em crise de valores e que preenche a ausência do Estado com uma “solidariedade de fachada”, apresentando paralelamente o passado e o presente ao mostrar como a exploração do negro no passado reflete-se na exploração do pobre da atualidade, tendo como foco central a ganância dos ricos, mesmo de forma velada, que acaba por fazer com que se passe por cima de valores morais, tal qual os senhores feudais do passado, chegando até as organizações do Terceiro Setor, as quais muitas vezes poderiam mudar a vida de pessoas necessitadas e vêm mostrar o seu lado podre ao desviar verbas, tirando assim dos que nada tem e aumentando o poder dos ricos que tornam-se cada vez mais ricos.

1.2. Ficha técnica do filme

Quanto Vale ou É por Quilo? (2004) Drama – 35 mm – Cor

Direção: Sergio Bianchi

Produtora: Agravo Produções Cinematográficas S/C Ltda – São Paulo – Brasil

Argumento: Sergio Bianchi

Roteiro: Eduardo Benaim, Newton Cannito

Direção de Fotografia: Marcelo Corpanni

Montagem: Paulo Sacramento

Edição de Som: Ricardo Reis

Direção de Arte: Renata Tessari

Co-direção de Arte/ Cenografia: Jussara Perussolo

Figurinos: Carol Lee, David Parizotti, Marisa Guimarães

Projeto de Arte das Cenas de Época: Vera Hambúrguer

Produção Executiva: Patrick Leblanc

Direção de Produção: Marçal Souza

Locuções: Milton Gonçalves, Valéria Grillo, Jorge Helal

Elenco: Ana Carbatti, Cláudia Mello, Héerson Capri, Caco Ciocler, Ana Lucia Torre, Silvio Guindane, Myriam Pires, Lena Roque

Atores Convidados: Leona Cavalli, Umberto Magnani, Joana Fomm, Marcélia Cartaxo, Odélair Rodrigues

Participação Especial: Lázaro Ramos, Ariclê Perez, Zezé Motta, Antônio Abujamra, Ênio Gonçalves, Clara Carvalho, Noemi Marinho, Caio Blat, José Rubens Chachá

1.3. Como o filme foi feito.

1.3.1. Roteiro, conjunto e questões atuais

Quanto Vale ou é Por Quilo? inicia-se como uma clássica narrativa histórica do Brasil Colônia, onde logo na primeira cena o autor nos apresenta um episódio envolvendo uma negra liberta, interpretada por Zezé Motta, que teve o seu escravo raptado por um proprietário branco, papel interpretado por Antônio Abujamra. Esta negra, certa de poder fazer valer um direito seu totalmente desrespeitado, segue os capitães-do-mato, com os papéis que lhe asseguram a propriedade de seu escravo, o qual foi adquirido legalmente. A cena se desenrola e se conclui com o julgamento e condenação da negra por invasão de propriedade. Neste momento, a cena, congelada,

estabelece um diálogo com a linguagem da televisão moderna, visto que a estrutura narrativa dessas cenas, lembra os documentários televisivos devido à locução em *off* que estabelece comentários sobre o episódio e a cortes rápidos, para a exploração dramática do personagem.

O diretor Sérgio Bianchi caracteriza seu filme norteando seu roteiro através de uma livre adaptação do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, bem como utilizando, também, pequenas crônicas de Nireu Cavalcanti, extraídas dos autos do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, sobre a escravidão. Desta forma o autor procura revelar as mazelas e contradições de um país em permanente crise de valores.

Neste sentido Quanto Vale ou é Por Quilo? vale-se de uma narrativa caracterizada por dois recortes temporais: sendo um no Século XVIII, que retrata a expansão do comércio de escravos, período no qual as leis eram feitas pelos senhores de escravos, homens brancos que ditavam as regras; e outro recorte na época atual, direcionado para as mazelas sociais e a letal exclusão social, onde as organizações do chamado Terceiro Setor deveriam ser responsáveis por desempenhar o papel de complementar as ações do Estado, visto que:

“[...]a filantropia no Brasil não é uma novidade na trajetória das políticas sociais. Contudo, nos últimos anos, esta, além de se diversificar em relação às tradicionais práticas filantrópicas, vem assumindo uma posição de crescente relevância no incipiente sistema de proteção social do país”²

Porém:

“ [...] A re-filantropização, mascara o novo para preservar o velho, transforma direitos em ajuda, em favor, em ação solidária, em participação da sociedade civil organizada, ou seja, em ações que terminam por ampliar a desigualdade”³

² YASBECK, M.C. *A política Social Brasileira nos anos 90: refilantropização da questão social. Cadernos dos CEAS*. Salvador, nº 165 p.37 – 51, 1996

³ YASBECK, M.C. *A política social Brasileira nos anos 90: refilantropização da questão social. Cadernos dos CEAS*. Salvador, n 164 p.17, 1996

Desta forma, o filme vem nos mostrar que as ONGs (Organizações não-governamentais) deveriam suprir em âmbito social as carências do Estado, mas ao contrário acabam por enriquecer à custa do dinheiro público, o que faz em contribuir para aumentar a taxa de criminalidade. Assim podemos observar que ao colocar lado a lado a exploração comercial do homem, como mercadoria, no Período Imperial e a exclusão social do homem na atualidade, o qual se torna também uma mercadoria, sinônimo de lucro para alguns, Bianchi nos mostra que esse é um processo de falha sistêmica e neste sentido podemos nos referir a MARX⁴ que considerava as desigualdades sociais como produto de relações jurídicas e políticas onde o poder de dominação é que dava origem às desigualdades.

Sendo assim, o diretor ao privilegiar as questões raciais e sociais, através dos constantes embates entre pobres e ricos, enfoca fortemente o marxismo, principalmente quando apresenta o pobre sendo usado pela elite, que lucra com isso, ou seja, o filme apresenta os mesmos conflitos existentes entre proletariado e burguesia.

E desta forma o filme procura discutir não só a falência das instituições do Estado, como também procura mostrar analogicamente a exploração comercial dos escravos e da miséria social pelo marketing social, como situações onde o que importa é o lucro seja através da comercialização de um escravo ou da superfaturação do orçamento de um projeto social

Vale lembrar que Bianchi, nesse aspecto, se vale do discurso jornalístico para apresentar seus personagens, os quais são meticulosamente interpretados por atores com trajetória consolidada, tais como Cláudia Mello, Ariclê Peres, Herson Capri e Miriam Pires, à medida que desenha um painel de duas épocas distintas, mas idênticas na perpetuação de um sórdido contexto socioeconômico, marcado pela impunidade, corrupção, violência e injustiça social.

E assim no período que transcorre na atualidade, uma Organização não-governamental implanta em uma comunidade carente o projeto “Informática na Periferia”, onde Arminda que trabalha no projeto decide denunciar a organização ao

⁴ MARX, Karl, *O Capital – Crítica da Economia Política*, São Paulo, SP: abril Cultural, volumes 1,2 e 3, 1983

descobrir que os computadores foram superfaturados, e por este motivo ela deve ser eliminada por Candinho, um jovem desempregado, com a mulher grávida (que sonha com uma ascensão social). Sem saída Candinho tem que se virar para sobreviver e sustentar a família, e assim torna-se um matador de aluguel, sendo contratado para matar Arminda.

Misturando duas épocas e utilizando os mesmos atores em situações parecidas, o diretor consegue mostrar o caos e a perplexidade, apresentando a violência e a ação direta como única saída possível, não apenas sugerindo que tudo se assemelha e não se transforma, mas certamente reiterando que a ação democrática está esgotada.

Diante disto, podemos então, observar que o passado reflete-se no presente e no futuro, pois a escravidão que pensamos estar extinta ainda existe e encontra-se camuflada no nosso cotidiano, como por exemplo, no caso da senhora que trabalha para uma madame, com uma remuneração abaixo do mercado, ou ainda na pessoa do capitão-do-mato que se iguala ao matador de aluguel, e com isto em ambas situações os indivíduos são coisificados, transformados em mercadoria, pelo simples fato de precisarem sustentar suas famílias, o que faz com que ajam visando sempre seus interesses, acima do bem ao próximo.

E assim, como as carências passam a ser fonte de lucro para o mercado, o Terceiro Setor, especialmente quando a autopromoção é a meta principal de visibilidade, lucra em cima desta carência. Neste sentido Sérgio Bianchi cita o Brasil *como exemplo*:

“[...] o Brasil de repente faz um selo que é a miséria. [...] começa a ser um produto, como se fosse uma característica cultural nossa. Aí começa a ter um monte de gente ganhando em cima dessa relação. [...] tem os bandidos, tem os inocentes, tem a lavação de dinheiro.”⁵

Podemos ainda ir além, citando o fato de que “Quanto vale ou é Por Quilo?” ao intercalar episódios da escravidão em que a pessoa do capitão-do-mato caçava negros para vendê-los aos senhores de escravos, objetivando apenas o lucro e paralelamente sendo remetidos aos dias atuais onde o chamado Terceiro Setor se apresenta em

⁵ BIANCHI, S. *Quanto Vale ou é Por Quilo?*. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/editoraglobo>. Acesso em: 13 abril 2011.

situações de exploração da miséria social e humana, através de atividades que acabam se tornando apenas fontes de lucro, claramente percebemos que o tempo passa e quase nada muda e assim o filme nos coloca importantes reflexões históricas, dentre outras, acerca da luta pelos direitos democráticos, da discriminação generalizada, do desrespeito, da corrupção.

E desta forma podemos entender que o Terceiro Setor já virou uma indústria, principalmente se considerarmos os números das pesquisas:

“O terceiro setor possui 12 milhões de pessoas, entre gestores, voluntários, doadores e beneficiados de entidades beneficentes, além dos 45 milhões de jovens que vêem como sua missão ajudar o terceiro setor.[...] O dispêndio social das 400 maiores entidades foi de R\$ 1.971.000.000,00. Ao todo elas possuem 86.894 funcionários, 400.933 voluntários.[...] são publicados números que vão desde 14.000 a 220.000 entidades existentes no Brasil.[...]”⁶

1.3.2. Narrativa

O filme *Quanto Vale ou é Por Quilo?* é iniciado com uma busca dos capitães-do-mato, com o objetivo de apreender escravos fugitivos, a cena é apresentada em uma fotografia escura e em planos fechados e a câmera com movimentos lentos e poucos cortes revelam o protesto de Joana, papel de Zezé Motta, uma negra forra que alega ao mandante da expedição que um dos escravos seja seu.

Este fato – negros alforriados possuem escravos – dificilmente retratado nas narrativas sobre escravidão, indica o tipo de narrativa que será construída ao longo da trama, onde irá se evidenciar um jogo de ocultação e revelação, através dos vários tipos de linguagens articuladas no filme, tais como publicidade, história, direito, vídeo, televisão, etc, as quais irão expor aspectos do conflito nas relações de raça e de classes.

⁶ KANITZ, S. *Artigos do Terceiro Setor*. Disponível em: <http://www.filantropia.org.oqueeterceirosetor.htm>. Acesso em : 13abril 2011

Assim, no filme podemos perceber pela utilização do figurino que o cineasta pretende mostrar o quanto a classe dominante reproduz a sua essência conservadora utilizando-se das vestimentas para se distinguir das camadas mais humildes.

Também, na narrativa, vários fragmentos do passado que se ligam ao presente e ao cotidiano, na personificação de um novo ator social, as ONG's, e assim a partir da questão racial há uma relação de proximidade entre as duas temporalidades, sendo esta questão comprovada, por exemplo, na ligação entre a diretora de uma ONG e a senhora que revende escravos, ambas interpretadas pela atriz Ana Lúcia Torre.

Podemos, então, afirmar que o aspecto mercantil da escravidão é propagado pelo assistencialismo atual, o qual dispõe das economias do Estado em função dos interesses da elite. Vale lembrar que o aspecto mercantil não é específico da escravidão brasileira, sendo configurado em várias sociedades e em vários tempos⁷, o que diferencia esta constituição no filme é a lógica mercantil marcada pela crueldade, aliada a uma dimensão trágica e que conduz as práticas raciais e sociais que acabam por reproduzir um sistema escravocata no presente.

Assim há também, um lugar de destaque na narrativa racial, através do par branco-negro que é capaz de estabelecer a construção de identidades, e a presença da violência nas relações raciais, onde a violência da escravidão é revivida pela mercantilização das minorias, sendo a humildade e a subserviência – retratadas pela *voice over* presente no filme – apresentadas como valores das relações sociais, pela imposição de uma hierarquia difusa, e assim através destes valores, são sobrepostos o passado escravocata e as organizações não-governamentais, visando obstruir uma transformação social baseada na igualdade racial e não apenas na democracia.

Desta forma também a proximidade entre o passado e o presente está explícita na cena de um comercial protagonizado por crianças pobres, e na maioria negras que é analisado pelo gerente de marketing Marco Aurélio (papel de Herson Capri) e é

⁷ A título de exemplo, podemos citar desde os casamentos entre nobres, durante a Idade Média, estudados por Georges Duby em *L'Europe du Moyen Age*, até as tribos analisadas por Marcel Mauss em *Essais sur le Don. Forme et raison de l'échange dans sociétés archaïques*, lembrando que a escravidão enquanto prática social remota à Antiguidade.

considerado como ultrapassado, e assim o discurso da personagem reafirma o marketing como concepção de uma elite burocrática, financeira e intelectual que visa manter uma ordem social que suprime seu aspecto racial, reificando a miséria⁸. Reificação essa que aparece em vários momentos do filme, estabelecendo uma ponte na relação passado-presente.

No filme, ao encenar sua narrativa a partir de dois tempos, realizando uma intercalação entre as cenas, Bianchi faz uma estrutura alternada, em que o passado irá estar o tempo todo interferindo no presente e vice-versa. Em todas as relações que ele faz de maneira muito explícita, ele usa os mesmos atores, colocando os negros numa situação de escravidão no passado, e os mesmo atores numa situação de dependência no presente. E assim, na leitura que Bianchi faz o presente acaba sendo um momento de declínio onde mesmo em contraste com o passado, as interpretações ficaram abaixo de qualquer utopia possível. Desta forma podemos perceber que Bianchi têm uma estratégia narrativa que consiste em intercalar os dois tempos, pra poder entender o que aconteceu com o país e assim esta questão acaba por ser respondida através dessa intercalação.

Neste sentido, o diretor busca ambientar o trabalho, para produzir mundos contínuos ou paralelos entre duas épocas, e assim o cineasta cria semelhanças, foca pontos de contato e silencia diferenciações, gerando um forte efeito de verossimilhança. Assim em relação à ambientação, é o século XVII que tem proeminência sobre todo o desenrolar dos acontecimentos e ao ocupar tal lugar, o passado funciona como espelho para o século XXI e, passando por cima das especificidades desse último, causa uma identidade, onde o século XXI reedita o país do século XVII, visto que nosso cotidiano não é uma interrupção da desigualdade da violência e da corrupção presentes no século XVII.

Outro aspecto a ser considerado refere-se ao excelente áudio presente no filme, o qual muitas vezes produz sons enganosos e que prendem a atenção do espectador, porém há um caso específico a ser considerar, em relação à voz, uma personagem interessantíssima e que através das narrativas *voice over* de Milton Gonçalves produz momentos singulares.

⁸ Aqui, nos valem do conceito de “reificação” de Marx, tal qual explicado por Peter Berger e Thomas Lückmann em *A Construção Social da Realidade*.

Assim, em *Quanto Vale ou é Por Quilo?* é possível que o espectador seja capaz de interromper a temporalidade na qual se encontra imerso e se deslocar para outras, e esta diferenciação só é possível graças ao tipo de registro evidenciado no filme, cuja montagem é menos evidente nas passagens relativas à escravidão, sendo a profundidade de campo das mesmas capaz de contrapor-se às colagens entre as sequências – onde passa-se de uma teoria do século XIX para a favela atual, e da publicidade televisiva para um discurso de marketing em apenas poucos minutos – as quais se situam no presente histórico do espectador.

Assim, o filme ao expressar as instâncias onde o imaginário coletivo se constrói – televisão, publicidade, música popular, história, sistema educacional, etc – é capaz de revelar a dimensão de código e seleção assumidos na encenação do passado e mais ainda quais os interesses e ideologias que pautam a narrativa.

Analisemos, pois o ponto de partida do filme, isto é a primeira cena. Uma velha negra grita: “Larga ele!”, tentando empurrar o capitão-do-mato que acorrenta um escravo. Joana (Zezè Motta) exclama: “O que está acontecendo?! Esse escravo é meu! Vocês não podem fazer isso! Entrar na minha propriedade e levar o que é meu!”. Nesse momento a *voice over* de Milton Gonçalves acompanha a fotografia escurecida e os planos marcado pela lentidão e pela profundidade de campo: “Madrugada de 13 de outubro de 1799. Nos arredores da capital do Vice-Reinado, uma expedição encomendada de capitães-do-mato capturam escravos em residências da área rural. Dentre as presas está Antônio, retirado de uma pequena chácara de propriedade de Joana Maria da Conceição. Ao presenciar o confisco de seu escravo, Joana reúne documentos, forma uma pequena comitiva e parte atrás dos capitães mata adentro. Joana é uma mulher forte. Alforriada e agindo conforme o sistema, acumulou recursos para comprar escravos que a auxiliassem em sua pequena propriedade. Agora Joana fora roubada. E acreditando na justiça e na força coletiva, junta seus vizinhos para cobrar e enfrentar o mandante da expedição”. Na sequência a imagem mostra o pequeno grupo de pessoas seguindo Joana pela mata e em seguida o capitão-do-mato abre a porta e João (Antônio Abujamra) atende, e é inquirido por Joana: “Ah, o senhor é o ladrão responsável por esta injustiça! O senhor está me roubando! O senhor é um ladrão! Lugar de ladrão é na cadeia!”, e a seguir o agarra e o faz quebrar uma lamparina. Em *close up* Joana continua sendo filmada: “Use de violência! A minha violência está aqui, nos

meus papéis! Nos meus direitos!”. Joana dispara: “Branco ladrão!”. Logo em seguida vemos Joana e seus escravos posarem para uma fotografia, contrastada pela leitura de uma sentença pela *voice over* onde Joana é condenada por “ofensas morais e raciais ao senhor João Fernandes”.

Na sequência narrada acima podemos perceber que o filme centraliza a ação de uma negra alforriada para revelar o racismo e o sexismo das instituições, bem como das qualificações subjetivas ligadas a classe, raça, religião, gênero, dentro de um sistema multirracial dotado de uma violência material e simbólica. Assim o filme constrói um panorama da hierarquia racial no cotidiano e indica a contestação desta hierarquia feita por alguns personagens (Arminda ao confrontar o discurso assistencialista de Ricardo e no passado ao resistir à investida do capitão-do-mato).

Desta forma podemos concluir que Quanto Vale ou é Por Quilo? ao resgatar casos ocorridos na escravidão e esquecidos nos arquivos estatais, consegue deslocar a nação do seu lugar tradicionalmente ocupado e de seu discurso aparentemente neutro apresentando os rearranjos de uma elite branca tentando se manter no poder, onde suas hierarquias sócias, baseadas na raça, refletem a personalidade das redes de solidariedade.

Assim em Quanto vale ou é por Quilo? a democracia racial se faz questionada, enquanto reformuladora de projetos, através da construção de suas personagens, chegando até mesmo a ser negada, como podemos ver no mal-estar de Arminda (Ana Carbatti), apresentado em seu sonho pela agonia no tronco⁹ e pela ligação com o presente (quando ela acorda nomeio de uma festa na favela) configurando um ressentimento com uma mediação inter-técnica e inter-classes.

Podemos perceber uma identificação entre o mal-estar de Arminda e o jogo de ocultação/revelação feito pelo filme, através de suas personagens e suas ações, como também a diferença de classes, claramente compreendida a partir do choque de concepções entre gerações, sendo esta apresentada na sequência do filme a seguir; vista panorâmica de São Paulo e voz em *off* de Arminda; “O problema, Ricardo, é com os

⁹ O registro do sofrimento da personagem beira o documental, já que a sequência é uma ilustração dos instrumentos de tortura empregados na escravidão.

computadores. O que está lá não é o que foi prometido”. Ricardo aparece na imagem e a voz em *off* continua: “Então esse dinheiro é um dinheiro público. Eu acho que você poderia me ajudar a resolver isso”; “Você tá me cobrando? Eu acho que você deveria estar bastante satisfeita!”; “Satisfeita? Tá bom, Ricardo. Faz um favor pra nós dois: pega o dinheiro extra dos computadores e faz uma nova compra de equipamento!”; “Meu amor, isso aqui é uma empresa! Vocês receberam os computadores e nós aumentamos a lista de projetos realizados! Só isso! Se vocês não sabem mexer com computador, aprendam!”; “Você é um puta dum cara-de-pau! Olha Ricardo, eu tenho tudo no papel! Eu posso provar que você tá fazendo um belo de um caixa dois nesses projetos!”; Ricardo pega o terno e anda pela sala: “Você tá procurando inimigo no lugar errado! Eu posso te dar uma lista de pessoas que só sobrevivem graças ao nosso trabalho! Olha lá, se você resolve dar uma de heroína, você fode com seu emprego e uma série de projetos pra pessoas que estão precisando de ajuda!” Ricardo sai em direção ao elevador e deixa Arminda sentada sozinha, no caminho, Dona Judith (Mírian Pires) que limpa o vidro pede sua atenção: “Eu preciso falar com o senhor de um problema meu. Um menino tá preso e foi transferido pra uma cadeia no interior. Eu não queria faltar... Será que o senhor podia me liberar?”; “A senhora não se preocupe com isso. Fale com a Lourdes e diga que eu autorizei a sua folga”; tira um dinheiro da carteira e dá a ela. Dona Judith marca suas relações com seus patrões pela afetividade – apresentada por meio da subserviência – e o afeto enquanto uma relação possível entre as classes, dentro das expectativas de uma geração, é substituído pelo conflito do jogo socialmente estabelecido, ficando bastante claro na discussão de Arminda e Ricardo, onde o mal-estar dela, traduzido pelo ressentimento, explode no confronto com a elite (representada por Ricardo) o que acaba por sobrepor raça e classe na construção da hierarquia social.

Assim sendo podemos concluir que o filme transita entre várias maneiras de se compreender a relação negros/pobres perante a hierarquia social que os exclui, seja através do discurso caridoso de uma ONG e da representação da violência, este conflito com base nas relações de classe e de raça acabará por revelar um ativismo político questionador do poder das elites, da descrença política e da reprodução da ideologia (caridade, reificação).

1.4. Que questões elabora para a história?

Diante de tantos problemas sociais que *Quanto Vale ou é Por Quilo?* nos apresenta, podemos despertar e abrir nossos olhos, muitas vezes esquecidos ou mal vistos para a realidade que nos cerca. Ele nos suscita, instiga, promove, mostra aguça e provoca.

Porém o filme não nos apresenta uma fórmula pronta para sair do caos social que nos rodeia e com seus dois finais possíveis nos propõe uma reflexão, dura e profunda, levando-nos a compreender que somos nós, os espectadores, que iremos dar um desfecho para essa história, pelo menos no que tange à coisificação da pessoa ou ao exacerbado egoísmo humano.

Vale lembrar que Bianchi nos apresenta dados alarmantes, porém é necessário que não generalizemos os fatos, passando a acreditar que todas as organizações do Terceiro Setor são tomadas pela hipocrisia corrupção e lavagem de dinheiro.

O fato é que temos que nos atear aos fatos do filme como algo benéfico à nossa reflexão acerca da exploração da miséria social camuflada por ações de solidariedade, onde o ser humano acaba sendo transformado em mercadoria, em lucro.

Neste sentido o filme nos chama a atenção para as consequências sociais e políticas da falência do Estado e de suas responsabilidades a medida que nos apresenta a mercantilização da solidariedade, do assistencialismo, do voluntariado, da disputa pela pobreza, da filantropia marota, da inclusão digital superfaturada, dos “laranjas”, da corrupção e do desvio do dinheiro público.

É preciso que compreendamos que a chamada sociedade democrática aprisiona o povo numa democracia lúdica, ilusionista e que não se dá conta do que está por trás dos lindos discursos, com exemplo citamos a solidariedade, antes era um gesto de humanidade hoje um produto de visibilidade, mercantilização.

Também é importante repensarmos a cruel realidade do período colonial onde os negros eram explorados e discriminados, e a partir da qual podemos fazer uma conexão com o Brasil da atualidade, onde o racismo ainda é muito grande.

Portanto é importante que a sociedade reflita sobre como pensa, age, e tudo mais que tenha a ver a responsabilidade de um Brasil descente, um país comprometido com educação, a promoção de políticas públicas sérias e comprometidas, onde o indivíduo possa realmente sentir-se integrado à sua sociedade.

CAPÍTULO II

SOBRE O DIRETOR

2 – O diretor

2.1 – Quem é Sergio Bianchi?

Sérgio Luís Bianchi é um cineasta brasileiro, nascido em Ponta Grossa, Paraná em 25 de novembro de 1945. Sua família possui uma trajetória dedicada à fotografia, sendo que a produção registrada ao longo de um século constitui um dos mais importantes acervos fotográficos do Brasil, formado por cerca de 40 mil imagens em vidro.

Sérgio começou a participar, em 1968, das atividades cinematográficas de Curitiba, integrando como ator e assistente de produção a equipe de “Lance Maior”, primeiro longa do cineasta Sylvio Back. Ele estudou cinema em Curitiba e nesta mesma época assumiu a coordenação do setor de cinema do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná, onde organizou uma mostra de cinema de animação e uma retrospectiva de Fritz Lang.

Em 1969, ingressou na Escola de Comunicação e Artes da USP e fez assistência de direção de “Compasso de Espera”, de Antunes Filho, e “Uma Mulher para Sábado”, de Maurício Rittner. Já no ano de 1970 atuou como assistente de direção de “O jogo da Vida e da Morte”, de Mário Kuperman, e de “Bexiga Ano Zero”, curta de Regina Jehá.

Sérgio Bianchi, em 1971 fez uma exposição individual de suas fotos na Galeria SESC, de São Paulo, participou como assistente de produção da montagem da peça de teatro “O Rei da Vela”, pelo Grupo Oficina, sendo que também fez assistência de direção de “O Vendedor de Ilusões”, filme de Maurice Capovilla.

Sua estréia cinematográfica como diretor se deu em 1972 com o curta metragem “Omnibus”, baseado em um conto de Júlio Cortázar. Este filme foi um dos destaques da mostra especial no Festival Internacional em Cannes em 1975.

A partir de 1973 passou a dirigir comerciais, filmes publicitários e documentários, até 1976, sendo que em 1973 também trabalhou como fotógrafo e ator na peça “O Casamento do Pequeno Burguês”, com o Grupo Pão e Circo. Em 1977 dirigiu o filme "A Segunda Besta", curta metragem também baseado no escritor argentino Júlio Cortázar.

Seu primeiro longa metragem, em 1979, "Maldita Coincidência", foi recebido pela crítica como a revelação de um dos diretores mais criativos do cinema brasileiro (visto que conseguiu filmar com um orçamento baixíssimo), tendo sido incluído entre os melhores filmes da década por ser um painel vivo e fascinante, do comportamento da juventude brasileira dos anos ao retratar a maneira desta juventude encarar a existência humana e suas relações.

Em 1982 Sérgio Bianchi realizou o filme “Mato Eles?” que o tornou célebre como um cineasta caracterizado como crítico mordaz à “burocracia”, à “burrice institucional”, às “mazelas da sociedade brasileira”. O filme é um média metragem, documentário sobre os conflitos em uma reserva indígena, e foi ganhador do prêmio de melhor direção no Festival de Gramado e do Grande Prêmio do Festival de Cinema da Cidade do México, em 1985

O curta “Divina Providência” dirigido por ele, em 1983, fez uma crítica à burocracia da Previdência Social. O filme teve o Prêmio de Melhor Direção no 12º Festival de Cinema Brasileiro de Gramado, em 1984. Também no ano de 1984, dirigiu “Entojo”, curta que registra o processo de preservação ecológica do Norte do Estado do Paraná.

"Romance" longa metragem de 1988, trata dos questionamentos éticos, políticos e sexuais desencadeados a partir da morte de um intelectual de esquerda. Por ser um tipo de cinema altamente pessoal, revelando a presença de um autor que se expressa, em termos estéticos e ideológicos, de maneira radical, “Romance” foi a maior repercussão do 21º Festival de Cinema de Brasília, tendo recebido os prêmios de Melhor Direção,

Melhor Atriz (Imara Reis) e Melhor Atriz Coadjuvante (Isa Kopelman), sendo ainda indicado entre os 10 melhores filmes do ano pela crítica de São Paulo¹⁰ e participado de várias mostras e festivais internacionais, como New Director / New Films Festival, do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (1989), o Film Festival de Rotterdam (1989), e o 39º Festival Internacional de Cinema de Berlim (1989).

No ano de 1989, estreou como diretor cênico de ópera com o "Don Giovanni", de Mozart. A montagem foi realizada no Teatro Guaíra, em Curitiba, com a participação dos cantores Celine Imbert, Adélia Issa, Francisco Frias e Luiz Orefice.

Seu terceiro longa metragem, "A Causa Secreta", foi realizado em 1994. O filme recebeu da Associação Paulista de Críticos da Arte os prêmios de melhor roteiro (Sérgio Bianchi), melhor ator coadjuvante (Rodrigo Santiago) e melhor atriz coadjuvante (Cláudia Mello e Ester Góes).

Em 2000, Sérgio Bianchi concluiu "Cronicamente Inviável", o seu filme mais conhecido, um longa metragem rodado durante o ano de 1999 em São Paulo e Rio de Janeiro e que abordou o caos social em diversas regiões e classes sociais do Brasil, sendo que podemos considerar como caos a falta de valores a falta de noção de realidade de várias e a alienação social.

Finalmente, em 2004, dirigiu "Quanto vale ou é por quilo?", filme esse que traça um paralelo entre a situação do negro no Brasil, antes e após a escravidão, desenvolvendo a tese de que muito pouco ou quase nada mudou.

Em novembro de 2006, foi homenageado em sua cidade natal com uma mostra de seus filmes, os quais foram, pela primeira, vez exibidos ao público contrerrâneo.

Sérgio Bianchi encontra seu melhor momento no cinema¹¹ em 2010 com o drama "Os Inquilinos", seu sexto longa metragem, onde sem maiores pretensões visto

¹⁰ In "Um retrato do Brasil. Com a rebeldia de Sérgio Bianchi". Edmar Pereira, Jornal da Tarde (SP), 28/04/1988.

In "Romance', a roleta-russa de Sérgio Bianchi". Amir Labaki, Folha da Tarde (SP), 28/04/1988.

¹¹ In "Olha Só – análises sobre cinema", por Ricardo Calil, 26/02/2010.

que evita criar polemica fácil e muito mais autêntico e sutil ao desistir de abordar um país inteiro e de catalogar todas as mazelas possíveis num mínimo tempo, ele se vale de uma história tensa e original abrindo um debate sobre como a violência se entranha na periferia, deixando seus moradores reféns do medo.

Desta forma, podemos perceber que o cineasta Sérgio Bianchi é um provocador, que busca estruturar seus filmes nas mazelas da sociedade brasileira, direcionando seu foco para a elite e o Estado, os quais, pelo que indicam suas imagens, são os responsáveis pela amoralidade e degeneração da sociedade, sendo que segundo ele:

“... eu gosto de ver as coisas sempre em nível de classe social. Eu não consigo ver qualquer realidade sem inserir o contexto da classe da qual aquela pessoa fala. Isso eu observo, não consigo não colocar. Algumas pessoas dizem que sou marxista. Não sei, mas eu não consigo ver de outro jeito.”¹²

Assim sendo, Bianchi procura nos dizer que é impossível ficar diante da realidade de disparidades sem choque ou constrangimento, e que essas sensações são de alguma forma produtivas para tirar algumas pessoas de um mundo mágico.

2.2 – Obras / filmes

Sérgio Bianchi estreou na produção de longas metragens com “Maldita Coincidência”, exibido em 1981, sendo que o filme já havia sido noticiado na imprensa três anos antes¹³, período em que começam a transparecer as críticas a burocracia estatal, tratada como cruel e inoperante, bem como às precárias condições de produção enfrentadas pelo cinema brasileiro.

¹² BIANCHI, S. *Quanto Vale ou é Por Quilo?*. in entrevista à Revista Época, disponível em <http://revistaepoca.globo.com/editoraglobo>. Acesso em: 13 abril 2011.

¹³ Há matérias veiculadas pela Folha de São Paulo e pela Última Hora, (2/5/1978 e 29/4/1978 respectivamente) cobrindo a produção do filme e seus problemas com a censura e com a EMBRAFILME.

A censura que impôs um corte de 8 minutos ao filme foi considerada uma ameaça ao cinema brasileiro e acabou por contribuir para a imagem de Bianchi como cineasta censurado e perseguido (tanto pelo Estado quanto pela crítica, por ser considerado um diretor polemico).

Podemos observar, neste sentido de que através do processo de construção do filme, tendo o mesmo demorado tanto tempo para ser exibido, Sergio Bianchi nos mostra sua disposição em fazer um cinema nada convencional.

Seu filme seguinte “Mato Eles?” (1982), teve uma trajetória parecida com o anterior, sendo marcado por dificuldades de produção, devido à demora no repasse de verbas, bem como pelo fato de ter sido censurado às vésperas de sua exibição. “Mato Eles?”, que retrata as dificuldades e o genocídio dos índios dentro de uma reserva da FUNAI, foi proibido um dia antes da comemoração do Dia do Índio, visto que se acreditava que poderia provocar incitamento contra o regime vigente, à ordem pública e ferir a dignidade ou o interesse nacional, uma vez que o filme estava sendo lançado em uma época de constantes crises da FUNAI, além da revelação de várias irregularidades em torno da mesma.

Já no filme “Romance” (1988), o cineasta retrata as conseqüências do assassinato de um intelectual de esquerda, fato este ocorrido na ocasião em que se dá o fechamento da EMBRAFILME.

Neste processo, é importante notarmos que as representações de Brasil, feitas por Sérgio Bianchi, desempenham um importante papel na formulação de contra-narrativas à nação que se quer representar.

O filme seguinte, “Cronicamente Inviável”, foi lançado em 2000 e alcançou ampla repercussão nacional e internacional, com uma representação de Brasil que não é apenas Copacabana ou as baianas que vemos em alguns flashes, durante o filme, mas sim um país dividido em norte e sul, exterminado entre a miséria e riqueza, entre belas paisagens e barracos, entre violência e resignação.

Este filme, certamente contribuiu para a legitimação de Bianchi como um “autor” de uma representação do Brasil, visto que ele não livra ninguém, distribuindo

papéis iguais entre ricos e pobres, derrubando os clichês já estabelecidos (o Carnaval, a cordialidade, a democracia racial), onde a ficção base do filme alcança um efeito de verdade superior, passando a prevalecer sobre eles.

Em 2005 lança “Quanto Vale ou é por Quilo?”, reiterando sua posição enquanto formulador de contra-narrativas às representações de Brasil e sem perder sua intervenção política Bianchi se manifesta:

“... o lado bom da grande produção brasileira é que há espaço tanto para a comedinha da Globo quanto para filmes de reflexão. Quero mais é que a diversidade do cinema brasileiro cresça. Só assim vamos acabar com essa invasão de 80% dos filmes americanos em nossas telas, sem pagar as taxas devidas.”¹⁴

Em 2010, lança “Os Inquilinos”, o sexto longa-metragem de sua carreira deixando de lado as falas pomposas e a verve ácida dos trabalhos anteriores e investindo numa radiografia da classe baixa paulistana onde sem maiores pretensões, ao não criar polêmica fácil e muito mais autêntico e sutil por não tentar abordar o país inteiro e nem tentar apresentar todas as mazelas em pouco tempo, Bianchi se vale de uma história tensa e original.

2.3 – Temas (questões que levanta)

Sérgio Bianchi lança um olhar crítico pouco comum a relação entre a sociedade burguesa e os excluídos de um modo geral, mostrando-se preocupado em falar sobre o país e a falência da elite, assim ele parece “vomitar”, com galhardia, sobre o politicamente correto.

Desta forma, tomando como exemplo “Quanto Vale ou é Por Quilo?”, percebemos que Bianchi, em suas obras, potencializa o seu discurso do mergulhar sobre o grande negócio do assistencialismo, munindo-se de dados científicos, tendo como exemplo dados do Arquivo nacional do Rio de Janeiro, para falar das diversas formas de escravidão que persistem no país. Denuncia que a atitude de amparar uma criança

¹⁴ BIANCHI S. in *Sergio Bianchi versus o assistencialismo*. In entrevista: O Globo. Rio de Janeiro, 23/5/2005

pode render milhares de dólares por cada um supostamente amparado, visto que cada uma dessas crianças é capaz de gerar cinco bons empregos.

Assim em “Quanto Vale ou é Por Quilo?” Bianchi trata da desigualdade de nossas vidas enquanto brasileiros e, do autoritarismo que nos circunda e nos constitui, utilizando-se de dois períodos históricos distintos: século XVII e o século XXI. Desta forma Bianchi cria paralelos entre ONGS’s e a figura do benfeitor durante o período escravocrata, como também entre o capitão do mato e a segurança pública presente atualmente no país.

E no intuito de produzir mundos contínuos ou paralelos entre as duas épocas, o cineasta cria semelhanças, foca pontos de contato e silencia diferenciações gerando um efeito de verossimilhança

Então uma vez gerada essa verossimilhança, ela se torna o recurso para criar esses mundos paralelos e, com isso, oferecer uma visão distópica da realidade brasileira onde a nota da desesperança prevalece, visto que estaríamos presos no século XVII o qual está lado a lado, sendo repetido por ONGS e pelos comportamentos individuais. Diante disto podemos concluir que Bianchi nos mostra que o século XXI reedita o país do século XVII, pois nosso cotidiano não é uma interrupção da desigualdade violência e da corrupção presentes neste século, assim o cineasta nos mostra que não há esperança de modificações e, portanto, só haveria dois caminhos: morrer ou fazer o jogo da acumulação ilícita, sendo esse o cenário no qual o filme está posto.

Diante disto, vale lembrar que desnudar a hipocrisia assistencialista que enriquece os ricos à custa da sedimentação da miséria é um propósito de mérito e coragem que, na obra de Bianchi, em muitos momentos, se completam admiravelmente.

Assim sendo, seus filmes em nada se parecem com as “novelas das sete”, bem como com todos os filmes que gostariam de se parecer com elas e fazem os mais patéticos esforços para isso.

Porém, Bianchi não lida de maneira consistente com uma estética que ampare o seu discurso, por gerar uma percepção de ausência e de impossibilidade de mudança, o que acaba colaborando para enfraquecê-lo, não apenas como um produto de mercado,

mas principalmente como um esforço de resistência a modelos hegemônicos de construção ideológica.

2.4 – Com quem estabelece um diálogo (referências / debate)

Em suas obras, Sérgio Bianchi procura mostrar aos espectadores que para quem quer ver realidade brasileira, ela está aqui mesmo, na chamada “sociedade civil”.

Porém, como a realidade muitas vezes não interessa, Bianchi, submete o seu público a um verdadeiro tratamento de choque ao apresentar o que há de mais cruel na realidade brasileira.

Sendo que esta realidade, a qual remete o público ao inferno serve como referência para abordar um dos aspectos mais florescentes das políticas sociais, onde procuram assumir conceitos como o de “sociedade civil”, excluindo as forças políticas, abrindo, porém, um amplo espaço de alianças (parcerias) com empresas privadas e suas fundações, o que acaba por definir um campo “não governamental” de ação, que é explorado, de forma ingênua ou mesmo com má-fé.

Neste sentido, o que Bianchi utiliza para produzir mal-estar no espectador (entenda-se mal-estar como forma de reflexão, debate, discussão) é o confronto de personagens de classe média, que se dizem politicamente corretos, com os miseráveis aos quais eles se dizem solidários. E o resultado deste encontro evidencia a nulidade de nossas boas intenções diante da monstruosa desigualdade que o país já produziu.

Assim, Bianchi aponta para os caminhos que definem um campo de ação próprio, fundado em idéias como as de “pensar global e agir local”, idéias estas que abandonam qualquer possibilidade de formular e lutar por “um outro mundo possível”, limitando-se a ações locais, desenhando assim uma estrutura de poder na sociedade, marcada pela formulação de estratégias, de ideologias, de formas conjuntas de ação política.

Podemos dizer que o espectador sente-se inteligente e crítico ao acompanhar, e compreender, as construções argumentativas e críticas de Sérgio Bianchi, visto que há décadas produz-se no Brasil um estranho fenômeno onde nenhum brasileiro identifica-se com as mazelas do Brasil, não por falta de nacionalismo, mas por falta de implicação.

Assim sua obra merece ser vista, bem como merece ser objeto de reflexão, e difundida entre todos os que lutam por um mundo melhor, contra todas as formas de dominação, opressão, alienação e discriminação, e também pelos que lutam contra a corrupção e pela ética na política e na prática social.

2.5 – Crítica

Pode-se dizer que o cinema de Sérgio Bianchi apresenta um mundo sombrio, uma terra arrasada moralmente, onde o cineasta dispara torpedos na moral brasileira ao apontar os monstros da miséria moral e material brasileira: o abismo social, a devassidão política, a falta de solidariedade, a estrutura viciada, etc, onde a miséria é um negócio rentável.

O diretor explora o conflito de classes e a relação de dominação em diferentes situações. Ele nos mostra que a elite, usa os pobres, sem qualquer escrúpulo, para promover, enquanto tenta passar a imagem de exemplo de cidadania e solidariedade.

Assim Bianchi em “Quanto Vale ou é Por Quilo?” a remeter o espectador para 13 de outubro de 1799, na capital do vice-reinado, usa o contexto da escravidão para demonstrar que as coisas pouco mudaram e que, apesar da abolição, a escravidão continua existindo, mas de uma forma diferente, maquiada. Para ele a escravidão, tanto faz se de negros ou de brancos, é apresentada como algo inerente ao conflito de classes e, por consequência, a toda a sociedade.

E para ligar o espectador ao passado Bianchi se vale de recursos que devem ser observadas, onde o primeiro é a combinação que ele faz entre cinema e fotografia, já

que ambos primam pela visualidade. Assim a foto, como a descrição, tem a função de detalhar e, desse modo, potencializar o efeito do que é apresentado. Já o segundo diz respeito ao anacronismo proposital de Bianchi de inserir a fotografia como modo de documentar os expedientes de uma época que ainda não contava com esse recurso, mas era preciso envolver o espectador de algum modo e assim ele criou um modo de provar as observações feitas pelo narrador. Então ao ligar passado e presente é como se a sociedade atual tivesse recebido, da sociedade da época da escravidão, uma herança social, o que faz com que os costumes de outrora sejam retomados e apenas adaptados à nova realidade, perpetuando ideologias e relações sociais

Assim Bianchi, na dialética de suas obras, deixa claro que o dinheiro é o motor histórico deste país, e ele não se faz de rogado em esbofetear a cara do espectador ao apresentar, sem meias-palavras, uma obra caracterizada por um estilo crítico em relação às mazelas sociais. Porém podemos observar que esta é a real intenção de Bianchi, sendo assim sua característica mais marcante e que define sua personalidade tomando como exemplo o crítico de cinema Rubens Ewald Filho que diz:

...mas Bianchi prossegue na sua luta, naturalmente enfrentando os problemas decorrentes de sua audácia Embora seja dos seus melhores filmes...- “Quanto vale ou é Por Quilo?” -, de certa maneira assusta as pessoas desacostumadas com tanta ferocidade (e me pareceu que, desta vez, ele utilizou menos o humor como arma, ainda que presente, mas não aberto e constante). Mas, sem dúvida, é seu melhor filme...¹⁵

Desta forma podemos perceber que Bianchi é dono de uma forte personalidade e visão de mundo que não poupa a moral e a política do cotidiano cujo alvo é a hipocrisia da solidariedade, não sendo possível que o espectador fique indiferente às situações desagradáveis e ações de violenta emotividade, em seu discurso extremo e avesso a qualquer sutileza. Para o crítico Christian Petermann:

“Bianchi atesta, assim, que, apesar de quase tudo valer quanto pesa, o preço a ser pago pela sobrevivência é sempre bem mais alto. Para ele, o mundo é um restaurante por quilo de segunda categoria.”¹⁶

¹⁵ RUBENS EWALD FILHO in *Colunas & Notas* – 16/06/2005

¹⁶ CHRISTIAN PETERMANN in *Guia da Folha SP* – 20/05/2005

Diante disto podemos perceber claramente a intenção do cineasta em retratar um país e todas as suas mazelas, porém segundo Rubens Ewald Filho:

“...para a saúde do cinema nacional, é preciso que Sergio continue a filmar, que não mude, que continue contestador e implacável. Que bom que ele existe e tem tanto talento.”¹⁷

2.6 – Recepção do filme

“Quanto Vale ou é Por Quilo?” nos leva a identificar o poder atuando de forma capilar e onipresente, a parcialidade no cumprimento das leis em favor dos mais ricos; e as origens do ranço asqueroso do racismo, que permeia nossa sociedade e atua diariamente, variando apenas sua intensidade.

Podemos perceber que as ações que visam à equidade social sofrem com o ataque retrógrado dos que defendem direitos supostamente iguais, quando seus defensores costumam alegar uma dívida histórica contra a população negra e indígena. Porém este é o grande equívoco, já que não há dívida histórica nenhuma, visto o preconceito que impede a camada mais pobre – não necessariamente negros – de ascender economicamente é extremamente atuante e este é um dos grandes destaques de “Quanto Vale ou é Por Quilo?”. E só poderíamos alegar a presença de uma dívida histórica se o seu conteúdo estivesse relegado aos tempos da escravidão, porém continuamos a ver a parcialidade no cumprimento das leis em favor dos mais ricos e a presença do racismo, que atua diariamente em nossa sociedade, variando apenas sua intensidade.

Assim, um recurso do cinema muito bem explorado é a construção da imagem, para destacar o que nossa memória tende a atenuar, pois, quando queremos suavizar alguma lembrança ou fato, o cérebro irá inconscientemente construir uma imagem mais

¹⁷ RUBENS EWALD FILHO in *Colunas & Notas* – 16/06/2005

tênue. Isto é: imaginam-se negros presos, acorrentados pelos pescoços ou atados a troncos, mas para tentar diminuir o terror de uma atitude tão vil, não imaginamos o desespero causado pela privação dos movimentos, o sangue que escorria das feridas causadas pelas pesadas peças de ferro e outros detalhes, ressaltados no filme, quando a trama se desenvolve no século XIX.

Quando transpomos o enredo aos dias atuais, as cenas são menos agressivas, ao tentar apresentar a violência que atua sobre a população oprimida na atualidade como mais simbólica, ainda que não menos nociva.

O desvio de verbas, apresentado no filme, permite que empresas enriqueçam às custas do governo, ou seja, dos impostos pagos pela população, e ainda agreguem valor à sua marca com suposta responsabilidade social. O poder exercido pelos mais poderosos, que se aproveitam do conhecimento negado aos explorados, permite a utilização de “laranjas” para golpes que sequer são notados pelos donos das contas.

Percebemos essas relações de poder em uma cena onde retratada a ajuda prestada por Noêmia à tia Mônica. Noêmia a ajuda nos custos com a festa de casamento da sobrinha. Durante a festa, Noêmia é tratada como convidada ilustre, não só pela ajuda que prestou, mas também pela classe social que representa. O contraste é claro e bem enfatizado pelo figurino de Noêmia e por algumas características da comemoração: bexigas penduradas sobre o reboco, toalha xadrez, frango, pernil e pavê de sobremesa.

Mesmo Mônica pertencendo a uma classe inferior à de Noêmia, tem uma empregada, negra, e, no momento em que Noêmia cobra da outra o favor prestado, é a negra que é oferecida. A situação ilustra o uso do negro como objeto, visto que sem consultar a empregada, Mônica faz acordo com Noêmia, empenhando sua palavra, não se importando se para cumpri-la, fará uso de outra pessoa, pois, já que essa está ao seu serviço e, recebe um salário, é como se lhe pertencesse.

Neste sentido, “Quanto Vale ou é Por Quilo?” mostra que a exploração continua manchando nossa sociedade uma vez que podemos perceber que a repressão física às classes mais baixas vem sendo aplicada há séculos sem sucesso, talvez a equidade social seja uma alternativa que vale a pena testar.

Não podemos nos esquecer, também que “Quanto Vale ou é Por Quilo?” também aciona uma estética do sensacionalismo que ao invés de produzir uma consciência sobre o *modus vivendi* da desigualdade no Brasil, gera torpor. E assim, sua pretensão é mostrar a realidade brasileira apoiando-se no paralelo entre o século XVII e o século XXI. Esse é o terreno, no qual os personagens, os ambientes e a trama são produzidos. Para demonstrar sua afirmação de que o regime escravocrata ainda está presente nas relações comuns e diárias, o cineasta não declara que sua escolha foi realizá-lo no plano de um realismo mágico ou fantástico.

Desta forma observamos que Bianchi possui uma visão histórica circular, na qual todos caminham sempre numa circularidade cujo ponto de partida é um momento inicial de alienação/escravidão (século XVII) que se institucionalizam, se burocratizam, levando-nos novamente à alienação/escravidão (século XXI).

3 – Considerações Finais

Podemos considerar que o filme “Quanto Vale ou é Por Quilo?” nos mostra um país tão complexo e inviável que supera as interpretações da História e da Sociologia considerada, ficando evidente que o cinema pode ser usado como uma forma de busca do conhecimento, a qual ajuda a atualizar as interpretações clássicas do Brasil.

Assim observamos que essa discussão sobre identidade nos permite observar que, muito além da idéia de nação, raça ou etnia, outros fatores podem ser determinantes na construção de um país.

Observamos que o que mais influi nos personagens são seus interesses individuais, onde a identidade de classe tem um papel importante na representação da sociedade brasileira, mas é maior a predominância dos interesses individuais sobre os interesses coletivos, claramente observável nas situações onde o miserável entra em conflito com o miserável, o negro condena o próprio negro, ou quando cada um chama para si a responsabilidade de construção da identidade nacional.

Desta forma, podemos dizer que os brasileiros são vistos completamente desprovidos de uma identidade positiva, são seres coisificados, transformados em mercadorias pela sociedade vigente. E assim a ilusão de um país harmonioso é rompida não só pela desigualdade social onde as representações se aproximam muito mais da chamada “sociedade flutuante”, definida por Bauman (2005), a qual sofre influências de inúmeras comunidades e valores, o que acaba por gerar uma movimentação que se dá segundo a própria conveniência do indivíduo, buscando sempre o seu conforto pessoal.

Neste sentido os mais pobres normalmente reproduzem a moral e os valores das classes mais altas; buscando atingir o mesmo padrão de vida dominante, geralmente ligado à liberdade de consumo, predominando o interesse individual, situações essas nas quais ele acaba por se tornar uma mera mercadoria, fruto da manipulação da sociedade. Assim sendo eles não despertam a consciência do seu poder de mobilização para promover mudanças e desta forma aqueles que não são submissos encontram na violência uma forma de fazer justiça isoladamente.

No filme observamos que os personagens permanecem banidos de sua própria terra, sem nenhum sentimento de pertencimento ou coletividade. Somente alguns

poucos personagens compartilham um mesmo ideal, porém acabam sozinhos, mortos, condenados ou “flutuantes”, sem um lugar na sociedade.

Assim sendo a lógica da superioridade, em vez da cooperação, é vista no filme quando a solidariedade vira um negócio onde o que importa é o retorno valendo-se da competição ou da rivalidade, mas dificilmente da cooperação.

“Quanto Vale ou é Por Quilo?” nos mostra que a exploração da miséria e a injustiça estão presentes desde a escravatura e o que mudou foram apenas os “senhores”, que hoje são mais difíceis de identificar, onde a lógica da sociedade escravocrata permanece, porém sem a presença de um “inimigo” identificável. E assim sem esse referencial, a sociedade brasileira torna-se uma “terra de ninguém”, onde todos desejam se dar bem, mesmo que seja a custa do sofrimento alheio.

Podemos observar que através de “Quanto Vale ou é Por Quilo?” observamos que o Brasil é um projeto inacabado cujas características são heranças de sua própria história e da sociedade de consumo atual. O país é um paradoxo em que a violência social nasce inconscientemente da insatisfação social e da necessidade de transformação.

Apenas para concluir, acho que vale a pena refletir rapidamente sobre o trabalho do cineasta contemporâneo. Há, hoje, duas posturas básicas no cineasta contemporâneo: ou ele quer se vender ao mercado, ou ele quer contestá-lo.

Essas duas formas, aparentemente opostas de abordar o ato criativo, têm algo muito forte em comum: a fetichização do mercado e uma absolutização do público. Para ambas as teorias o mercado é uma força viva, definida e onipotente.

Referências

BIANCHI S. in *Sergio Bianchi versus o assistencialismo*. O Globo. Rio de Janeiro, 23/5/2005.

BIANCHI, S. *Quanto Vale ou é Por Quilo?* Revista Época, disponível em <http://revistaepoca.globo.com/editoraglobo>. Acesso em: 13 abril 2011.

CALIL, Ricardo, “*Olha Só – análises sobre cinema*”, 26/02/2010.

EWALD Filho, Rubens, in *Colunas & Notas* – 16/06/2005.

KANITZ, S. *Artigos do Terceiro Setor*. Disponível em: <http://www.filantropia.org.oqueeterceirosetor.htm>. Acesso em : 13abril 2011.

LABAKI, Amir, “*Romance', a roleta-russa de Sérgio Bianchi*”. Folha da Tarde (SP), 28/04/1988.

MACHADO DE ASSIS, J.M. Relíquias da casa velha. In: MACHADO DE ASSIS, J.M. *Obras completas*. São Paulo: Formar, s/d.

MARX, Karl, *O Capital – Crítica da Economia Política*, São Paulo, SP: abril Cultural, volumes 1,2 e 3, 1983.

O ESTADO DE SÃO PAULO. “*Nuances do bem*”. São Paulo, 19/05/2005, pág. D4. Matéria sobre a pré-estreia do filme (sem referência a autoria).

PEREIRA, Edmar “*Um retrato do Brasil. Com a rebeldia de Sérgio Bianchi*”. Jornal da Tarde (SP), 28/04/1988.

PETERMANN, Christian in *Guia da Folha SP* – 20/05/2005.

YASBECK, M.C. *A política social Brasileira nos anos 90: refilantropização da questão social*. Cadernos dos CEAS. Salvador, n 164 p.17, 1996.

YASBECK, M.C. *A política Social Brasileira nos anos 90: refilantropização da questão social*. Cadernos dos CEAS. Salvador, nº 165 p.37 – 51, 1996.